



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Reunião Ordinária e Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0569/15	DATA: 13/05/2015	
LOCAL: Plenário 4 das Comissões	INÍCIO: 14h39min	TÉRMINO: 17h22min	PÁGINAS: 59

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

ANDRÉ LUIZ DA COSTA FERREIRA - Superintendente de Obras da Arena Pantanal em Mato Grosso;
JAIME RECENA - Secretário de Estado de Turismo do Distrito Federal;
EDUARDO MARTINS - Presidente da Associação Brasileira dos Operadores e Fornecedores para Arenas Multiuso - ABRARENAS;
ROGÉRIO HAMAM - Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor do Ministro de Estado do Esporte.

SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Boa tarde a todos.

Esta reunião de audiência pública da Comissão de Esporte está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 25/2015, de iniciativa do Deputado Valadares Filho, e tem como objetivo debater a subutilização dos estádios construídos para a Copa do Mundo FIFA 2014, que são chamados pela mídia especializada de “Elefante Branco”.

Informo a todos que o Sr. Aly Jorge Almeida, Diretor Presidente da Fundação Vila Olímpica, Danilo Duarte de Mattos Areosa, Arena da Amazônia, confirmou, no dia 27 de Abril, tanto a sua presença como a do diretor técnico, Sr. Igor Menezes. No entanto, o *e-mail* do dia 11 deste mês justificou sua ausência por motivo de saúde. A Secretaria da Comissão, de pronto, solicitou o envio de um representante da Arena da Amazônia, mas não houve resposta até o presente momento.

Composição da Mesa.

Convido para conduzir os trabalhos desta reunião de audiência pública o Deputado Valadares Filho, autor do requerimento (*Palmas*).

Passo aqui a condução dos trabalhos ao nobre Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Para dar início às apresentações, convido para assentarem-se à mesa a S.Sa., Sr. Rogério Hamam, Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, do Ministério do Esporte.

Convido também para compor a mesa o Sr. Jaime Recena, Secretário de Estado do Turismo do Distrito Federal. Convido também o Sr. Eduardo Martins, Presidente da Associação Brasileira dos Operadores e Fornecedores para Arenas Multiusos, o Sr. André Luiz da Costa Ferreira, Superintendente de Obras da Arena Pantanal, em Mato Grosso.

Antes de passar às exposições, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública. O convidado deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 10 minutos para as suas preleções, não podendo ser aparteado durante as suas apresentações. Após as exposições, serão abertos os debates. Os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente e poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da exposição, pelo



prazo de 3 minutos cada Parlamentar. Será permitida réplica de qualquer participante que seja citado durante os debates.

Em virtude da importância desta audiência pública, informo a todos que o evento está sendo transmitido pelo portal e-Democracia da Câmara dos Deputados, permitindo a integração com o público. Perguntas poderão ser dirigidas aos expositores e serão encaminhadas à Mesa por meio da nossa Secretaria.

Passo a palavra ao senhor André Luiz da Costa Ferreira. O senhor dispõe de 10 minutos.

O SR. DEPUTADO MÁRCIO MARINHO - Sr. Presidente, eu poderia sugerir que o nosso convidado pudesse ficar ao lado para facilitar?

O SR. ANDRÉ LUIZ DA COSTA FERREIRA - Isso. Fica mais fácil. Obrigado.

O que vai ser apresentado aqui é a concepção, desde o início, da construção da Arena Pantanal. A Arena Pantanal foi construída no mesmo local onde estava o antigo Estádio Governador José Fragelli. Por quê? Porque na época da concepção do projeto já era uma área urbanizada dentro de Cuiabá, dentro da capital do Estado. Mas era uma área que estava em declínio. Resolveu-se, junto com esse projeto da construção do novo estádio, reurbanizar e revitalizar toda essa área em torno da Arena.

Isso aí é uma foto do antigo estádio José Fragelli. Sua inauguração deu-se em 1976 e o primeiro jogo foi um misto, Dom Bosco e um clássico regional. Aqui mostra ainda uma foto do estádio, e a antiga estrutura do José Fragelli. Por ser um estádio em concreto armado e sua manutenção estar ruim... O grande problema nosso não é construir grandes arenas, mas construir pensando no futuro, pensando na sustentabilidade e pensando numa situação em que o estádio tem que se manter financeiramente, com uma manutenção que possa suportar a utilização.

Certo é que nem toda a Arena é utilizada na sua capacidade máxima durante o mês inteiro. Há eventos durante o ano que demanda toda a capacidade da Arena e há eventos menores. Mostra ainda o José Fragelli, a Arena Pantanal, o projeto dela, sua concepção e como ela está hoje.

Se olharmos a Arena Pantanal, veremos que ela é um aparelho público, que além de ter a parte interna voltada para eventos — *shows*, palestras, cursos, mini



shoppings, workshops e shoppings —, tem a área externa que é utilizada para diversão. É uma área de 30 hectares, que dá essa potencialidade toda.

Aqui mostra como era antigamente. Essa parte toda foi demolida. Esses dois, o Ginásio Poliesportivo Aecim Tocantins e o Palácio das Artes Marciais, também a piscina continuaram, porque é um complexo. O que envolve hoje a Arena Pantanal não é simplesmente futebol, é o Aecim Tocantins, onde acontecem os eventos de *voley*, futebol de salão, e a piscina, onde acontecem as competições estaduais e interestaduais. Aqui é o Palácio das Artes Marciais — aquele azul, menor. O que aconteceu? Essa marquinha azul é onde estava o antigo José Fragelli e agora como ficou com a Arena Pantanal. Isso aqui é uma maquete eletrônica. Isso é real, o que existe lá hoje.

Isso aqui é uma imagem do Google mostrando como ficou a interação, o estacionamento, a cobertura. São cortes esquemáticos, para que se possa entender a situação da Arena. Há uma área de circulação, os camarotes, os sanitários, em todos os pisos, restaurante, lanchonete, a zona mista para os jogadores, controle de segurança, os *lounges*, os *lounges* VIP e VVIP, que hoje na verdade são grandes espaços para que possam acontecer eventos. O que está acontecendo? Estão sendo locados hoje para eventos, como formaturas e festas de 15 anos. Então, o espaço é utilizado na sua potencialidade.

Aqui há o subsolo, onde entram os ônibus, com a equipe técnica, para acessar os vestiários. O térreo já é liberado para a circulação de equipe técnica, o pessoal da segurança. A partir do primeiro pavimento há uma circulação de pessoas, primeiro, segundo e terceiro pavimentos. E a última área é a área técnica, a área de imprensa. Só um corte temático para poder entendermos.

Aqui é a capacidade dos espectadores. Hoje o anel inferior nosso tem 17 mil lugares. No domingo houve o jogo do Corinthians e Cruzeiro, na Abertura do Campeonato Brasileiro 2012. Houve 12 mil pagantes e 15 mil não pagantes. Mas foi aberta toda a estrutura para utilização. Na segunda-feira, logo depois, houve a final do Campeonato Mato-Grossense, com o jogo entre Cuiabá e o Operário de Várzea Grande. Deram 18 mil pessoas. Abrimos somente o anel inferior e ele lotou. Então, tivemos que liberar ainda uma ala do anel superior para acabar de comportar o



peçoal. Numa segunda-feira, às 16 horas da tarde, colocamos 18 mil pessoas dentro do Arena Pantanal.

Aqui os números de *lounges*, os espaços que a gente tem para utilização, número de vagas, estacionamento, a visão geral do subsolo. Aqui é só uma parte técnica que eu coloquei aqui para termos noção da dimensão, do quão é grande o espaço da Arena Pantanal. Aqui uma visão esquemática para vermos como ficou o campo, a situação de visão, os quatro setores — norte, leste, oeste, tudo dividido.

Quando eu falo que a Arena Pantanal tem sustentabilidade é por causa do LEED. Existe uma Certificação Internacional chamada LEED, onde, desde a época da construção, a gente cuidou dos resíduos da construção e implantou sistema de reutilização de água, da água da chuva, implantamos, junto à Arena Pantanal, espécies nativas, recuperamos a área degradada que existia lá embaixo. Então, isso sempre foi uma preocupação nossa em relação à utilização.

Esse é o projeto da Arena Pantanal, como ela está sendo utilizada hoje. Os espaços que são para camarotes hoje são todos abertos e todos utilizados assim. Essa é uma maquete eletrônica, mas eles estão liberados. A escalinata do lado de fora, que é essa escada, é utilizada para encontros, eventos, aulas de dança. O restaurante que tem do lado de fora que é utilizado também. Aqui os primeiros eventos que aconteceram na Arena Pantanal.

Nós já tivemos 23 partidas de futebol lá. Sem contar as da Copa, são 23, somando as do Campeonato Brasileiro, da Copa do Brasil e dos jogos do estadual. Estas são imagens da época da Copa. Esta é a relação dos jogos pós-Copa que aconteceram. Tivemos vários jogos nacionais na Arena Pantanal, como entre Santos e São Paulo e entre Corinthians e Vitória.

Para que ela está sendo utilizada hoje? Pode-se ver ali que já tivemos, por exemplo, um evento católico, realizado por um padre de cujo nome não me recordo. Montou-se dentro da Arena um palco, e foi utilizado um setor inteiro para a apresentação dele. Ali temos a visão noturna de como ficou o evento.

As empresas estão utilizando a área externa para fazer *merchandising* e lançamento de produtos. Estas imagens são de *shows* que acontecem do lado de fora da Arena. A área externa é utilizada à noite para *shows* de *rock*, ficando a Arena ao fundo.



As fotos desse pessoal correndo são de uma competição de subir escada — há um nome para isso em inglês, *stair-climbing race* ou alguma coisa assim. Eles utilizaram as escadarias da Arena para competir. Aqueles dois ali que estão com números são competidores.

Todo o lado de fora da Arena também é utilizado para patinação, *skate*, corrida, caminhada, assim como para várias competições realizadas pelo Sistema S — SESI, SENAI, SEBRAE, etc. Estas imagens são de uma corrida infantil realizada na área externa, motivando sua utilização.

Estes foram os últimos eventos que aconteceram lá. Um deles foi o segundo jogo da final da Copa Verde, no qual o Cuiabá ganhou do Remo, tornando-se o segundo time a ser classificado para a Copa Sul-Americana do ano que vem.

Aqui temos outros exemplos de eventos que acontecem do lado de fora da Arena, como *workshops*. Aquela imagem ali — já que estamos quase no ano das Olimpíadas — é de um *workshop* sobre um tipo de *wrestling*, a luta greco-romana. Eles fizeram lá uma demonstração, uma apresentação com o pessoal. Aqueles outros palcos foram montados ali para atividades, festas e eventos na área externa da Arena.

Estas imagens mostram a utilização da Arena em dia de jogo. Este foi o primeiro jogo do Campeonato Brasileiro, que aconteceu domingo passado, entre Corinthians e Cruzeiro. Esta partida é a final do Campeonato Mato-Grossense, quando o Cuiabá ganhou o jogo contra o Operário. Ali está uma foto só de um pedaço da Arena, tirada durante essa partida, mostrando como ela estava lotada naquela segunda-feira.

Estas são fotos da obra, de como ela aconteceu, passo a passo. Eu retirei um pouco delas para não ficar desgastante — o tempo é curto. Esta é uma foto da Arena ainda na fase da construção, e esta é uma dela hoje, já pronta. Hoje, todo o entorno da Arena está pronto.

Por determinação do Governador, toda a equipe de engenharia da Secretaria das Cidades, da qual eu faço parte, foi transferida para dentro da Arena. Ele transferiu 60 engenheiros para dentro da Arena Pantanal. Por quê? Além de cuidarmos dos problemas de aprovação de projetos e outras obras que acontecem no Estado de Mato Grosso, como a Arena é uma obra importantíssima para o



Governo do Estado, nós ainda ficamos de olho na manutenção dela. Agora nós passamos a cuidar da manutenção também.

Há outras Secretarias que estão migrando junto conosco para lá, além de um batalhão de polícia. Então, o espaço dentro da Arena também está sendo utilizado pelo Estado de Mato Grosso.

Esta é uma visão geral da Arena. Dá para ver quão grande é a área que temos para fazer eventos, *shows*, lançamentos, bem como para estacionar. Estes são os estacionamentos descobertos. Temos estacionamentos cobertos embaixo da Arena.

Gostaria de agradecer a oportunidade de apresentar a Arena Pantanal. Coloco-me à disposição para qualquer dúvida. Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Agradeço ao Sr. André Luiz Costa Ferreira pela sua explanação.

Passo agora a palavra ao Sr. Jaime Recena, Secretário de Estado de Turismo do Distrito Federal.

O SR. JAIME RECENA - Boa tarde a todos e a todas, aos Deputados, ao Sr. Presidente, ao amigo Valadares Filho. Obrigado pelo convite para conversar um pouquinho sobre a Arena Mané Garrincha, um estádio que faz parte da nossa Capital, que é muito bem localizado e que até hoje, já na sua nova concepção de arena multiuso, recebeu 2 milhões de pessoas.

(Segue-se exibição de imagens.)

Qual é a nossa missão atual? Hoje, a Secretaria de Turismo do Governo de Brasília é responsável pela gestão do estádio e pelo que pretendemos fazer com ele daqui para frente, decidindo de que forma nós enxergamos esse equipamento e de que forma ele pode ser útil para a cidade, a fim de não se transformar num elefante branco, como tem circulado na imprensa.

Eu acho é motivo também desta Comissão o debate para fazer com que esses equipamentos todos que foram construídos pensando-se na Copa do Mundo possam ter uma utilização agora, de modo que não onere, que não prejudique o contribuinte.



A nossa missão é atrair grandes eventos corporativos, culturais, dando mais visibilidade para a nossa Capital. Então, nós utilizamos o estádio como um instrumento de desenvolvimento econômico e social do Governo de Brasília.

Estou mostrando algumas imagens do estádio. Vocês vão vendo ao fundo Brasília e algumas frases de efeito que foram faladas por pessoas durante o período da Copa. Brasília foi uma das cidades que os turistas melhor avaliaram quanto à parte de serviço durante os jogos.

Nossa Arena foi projetada para ter um caráter multiuso, e ela hoje tem sido utilizada dessa maneira. Nós temos recebido não só eventos esportivos e competições de jogos de futebol, mas também *shows* — já tivemos *shows* do Paul McCartney, da banda Kiss. Temos nove áreas para eventos dentro da Arena, que já foram utilizadas, até hoje, desde a sua inauguração, para a realização de 103 eventos.

Neste ano, já foram realizados 18 eventos e 5 jogos oficiais de futebol, e já temos agendados para até o final do ano 50 eventos, entre jogos de futebol e eventos culturais ou *shows*. Com destaque, teremos agora, neste final de semana, um jogo entre Atlético Mineiro e Fluminense. Também já temos confirmado para o final do ano o *show* do Pearl Jam, que está vindo a Brasília em novembro.

Estas são algumas frases proferidas por atletas.

O Estádio Mané Garrincha também funciona como um atrativo turístico da cidade. Aos sábados, nós temos um programa de visitação. Então, os turistas e a própria população da cidade têm oportunidade de conhecer as dependências do Estádio, toda a sua estrutura. Em média, nós recebemos aos sábados cerca de 300 pessoas visitando a Arena Mané Garrincha. E, até hoje, desde que começamos esse programa de visitação, já tivemos a participação de pouco mais de 30 mil pessoas.

É importante destacar que o perfil desse público é de alunos. Nós temos programas também com as escolas públicas da cidade, que têm levado seus alunos para visitar o Estádio fora do sábado, que é o dia programado de visitação. Existem visitações também programadas com as escolas.

É importante também ressaltar que, nessa reestruturação que o Governo de Brasília tem feito, buscando gerar uma economia para os cofres públicos, nós



transferimos provisoriamente três Secretarias de Estado para dentro das dependências da Arena Mané Garrincha, onde elas agora estão funcionando. Isso está gerando uma economia de 14 milhões de reais ao ano para o Governo de Brasília. E essas Secretarias estão se instalando nas salas adequadas, que foram utilizadas durante a Copa pela FIFA e por todo o complexo envolvido na organização dos jogos.

Existe hoje um grupo de trabalho formado pela Secretaria de Turismo, pela NOVACAP, pela TERRACAP e pela Secretaria de Gestão Administrativa. A NOVACAP é a empresa do Distrito Federal responsável pelas obras. Ela foi a empresa que executou boa parte das obras de manutenção em alguns contratos da Arena. A TERRACAP é a empresa de desenvolvimento do Distrito Federal responsável por terrenos — estou citando isso só para quem não conhece. A Secretaria de Gestão Administrativa cuida de boa parte dos contratos de manutenção, de brigadista, de segurança.

Futuro. Nós temos discutido muito o melhor modelo de gestão para essa Arena. Está na pauta uma possível parceria público-privada ou uma concessão para algum grupo privado investir nessa gestão. Temos conversado, e a ideia é avançar e fazer isso com muita transparência, para que os interessados e as empresas que hoje trabalham com operação de arena possam conversar com o Governo de Brasília para estabelecer algum tipo de trabalho. Nós entendemos que esse é um caminho que pode promover, inclusive, uma gestão eficiente, trazendo economia para os cofres públicos.

Ressalto também que o Estádio não deixa de ser uma importante ferramenta para atrair turistas à cidade. Mais um exemplo é a utilização já confirmada de Brasília como Cidade Olímpica, uma vez que a Arena Mané Garrincha vai receber cerca de 10 jogos, podendo receber até um pouco mais.

Com isso, nós concluímos a apresentação. Fico aberto a perguntas e exposições.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Obrigado, Sr. Jaime, pela sua explanação.



Passo a palavra neste momento ao Sr. Eduardo Martins, que dispõe de 10 minutos.

O SR. EDUARDO MARTINS - Presidente Valadares Filho, Deputados presentes, senhoras e senhores, seria bom começar nossa apresentação falando o que é a Associação Brasileira de Operadores e Fornecedores para Arenas Multiuso — ABRARENAS.

A ABRARENAS é uma associação de operadores de arena que iniciou seu trabalho em 2010. Então, ela vai fazer agora 5 anos de existência. E passamos, na verdade, neste momento, a mudar o foco da ABRARENAS. No início, quando ela foi criada, o foco era a construção, mas hoje o que nos preocupa de fato é a operação dessas arenas.

Nós não reunimos todas as arenas na Associação ainda — desde já, ficam convidados a participar dela também o Estádio Mané Garrincha e a Arena Pantanal.

A ABRARENAS busca o quê? Contribuir para a melhoria do futebol. Nós temos observado uma série de pontos — vou falar deles daqui a pouco — que tem feito com que as arenas fiquem vazias ou não tenham a ocupação desejada, esperada ou visualizada originalmente.

(Segue-se exibição de imagens.)

Então, vou mostrar aqui alguns números. Esta é a taxa de ocupação média, pegando como base os clubes da Europa — a fonte é a revista *Exame*. Vocês podem observar que Alemanha, Inglaterra e Espanha são países cujas taxas de ocupação estão muito elevadas se comparadas com a realidade do Brasil hoje. São números realmente assustadores. O primeiro colocado é um estádio da Alemanha que já está, há três anos seguidos, com taxa de ocupação de 100%.

E aí trazemos a nossa reflexão: o que está faltando nas nossas arenas para que consigamos buscar esse caminho, a fim de que elas se tornem na verdade equipamentos mais acessíveis à população? O que está acontecendo?

Eu trago aqui os números gerais do Brasileirão de 2014. Nós tivemos uma média de público em 2014 de 16.555 torcedores por partida, o que corresponde a uma ocupação média de 40%, enquanto o primeiro colocado, na Alemanha, tem uma taxa de 100%, como nós vimos. São números realmente muito distantes.



Pegando os 10 primeiros clubes brasileiros em taxa de ocupação no ano passado, temos as seguintes médias de público: Cruzeiro, 29 mil — quase 30 mil —; Corinthians, 29 mil; São Paulo, 28 mil; Flamengo... Em oitavo lugar, temos o Fortaleza. Eu gostaria de chamar a atenção para o fato de que, embora seja um time da Série C, o Fortaleza teve uma média de público de 18 mil, acima da média nacional. O Fluminense teve uma média de ocupação de 18 mil torcedores, e o Esporte, de 18 mil. Esse é o cenário dos 10 primeiros colocados no *ranking* de ocupação dos principais clubes brasileiros.

Com isso, nós começamos a questionar o que tem acontecido por isso.

Muitas vezes, a imprensa tem dito que o preço do ingresso está muito caro. O tíquete médio hoje do campeonato, considerando 2014, nas 38 rodadas, foi 32 reais e 55 centavos. Esse é o preço do tíquete do cinema. Mas a população e a imprensa têm dito que o ingresso médio está caro. Então, as informações não estão coincidindo. Houve jogos em que algum clube botou o preço a 1 real para que o estádio lotasse, mas esse valor não paga. Talvez seja até um desrespeito ao próprio atleta, que se esforça, bota a sua canela em risco, para o clube receber 1 real por torcedor.

Então, eu acho que esse é um gráfico que devemos avaliar. Entre a sexta e a nona rodada, foi quando aconteceu a Copa. Na verdade, os estádios da Copa foram preparados para receber o evento. Alguns jogos foram transferidos para estádios menores. Houve então aquele decréscimo, na linha vermelha. A linha verde é a linha do tíquete médio. Vê-se que há uma homogeneidade. Trinta reais é a base do valor do tíquete no Brasil; não houve grandes distorções. Em partidas mais importantes, mais decisivas, quando o conteúdo é melhor, quando há mais disputa, obviamente o estádio lota mais. Não precisamos inventar a roda, essa é a realidade brasileira. Estamos querendo mostrar aqui como de fato o Brasil se comporta com o estádio de futebol.

E, a partir daí, o que a ABRARENAS tem a oferecer e como tem contribuído com a melhoria do futebol? Nós levantamos alguns pontos. O primeiro ponto é fortalecer os clubes. Uma arena sem clube de futebol não sobrevive. O principal conteúdo de uma arena é de fato o clube de futebol. Eu acho que isso é consenso de todos. Na realidade, estou reiterando um posicionamento para refletirmos sobre



isso. O clube tem hoje uma dívida impagável, que não está sendo paga. Apoiamos que esse referenciamento aconteça para que o clube passe a ter saúde financeira. E, para que essa saúde financeira promova uma gestão profissional dos clubes, é necessário que, se um trabalhador ganhar 1 mil reais, ele não tenha uma despesa de 2 mil reais por mês. Muitos clubes hoje estão vivendo com essa teoria. Há cem clubes hoje na Série A à Série D. Desses cem clubes, 4% vão ser campeões — só consegue ser campeão um clube. E muitos clubes hoje acabam tomando atitudes um pouco precipitadas, até naquela busca de ganhar o título, e fazem contratações que não conseguem pagar. Nesse ponto, a gestão profissional deve entrar no foco da discussão para que esse conteúdo de fato se restabeleça. E, para isso, tem que haver orçamento. O clube tem que saber, no início do campeonato, o que ele tem para gastar, o que tem para receber e qual a sua perspectiva de resultado.

Sem isso aqui, não conseguimos. Aí eu boto ali embaixo que nós temos que “valorizar o conteúdo”. *(Segue-se exibição de imagens.)*

Sem clube de futebol, é muito difícil uma arena se manter. Quando se iniciou todo esse processo das arenas, ia haver muitos *shows*, muitos eventos, e esses *shows* não aconteceram ou aconteceram com menor frequência que esperávamos. Então, vão, na verdade, fortalecer o clube.

O segundo ponto: o que faz um torcedor ir a um estádio? Se esse torcedor chega a um estádio e encontra conforto, um ambiente com boa higiene, bem cuidado, com segurança, a tendência de ele voltar ali é muito maior. Se a primeira experiência em que o torcedor vai ao estádio é negativa, a tendência de resgatá-lo para que retorne é muito mais difícil.

Então, na verdade, está na hora de começar esse projeto para atender bem o torcedor, sabendo do que ele precisa, pois ele tem que sentir que ali é a casa dele.

O terceiro ponto, que está sendo duplamente debatido, é a violência no futebol. Essa violência também está afastando o torcedor do futebol. Ninguém quer entrar num estádio sabendo que em volta dele há gangues que não são torcedores; ao contrário, são maus torcedores brigando, que impedem que a família torcedora volte a frequentá-lo. Na verdade, nós queremos orientar melhor os torcedores. Nós temos que buscar, com as tecnologias existentes nas arenas — toda arena hoje tem sistema de CFTV na entrada —, catracas modernas. Por que não conseguimos



buscar essas informações — e cito até a conversa que eu tenho tido bastante com o Rogério — e cruzá-las. Esses dados têm que ir para algum lugar. Não cabe ao gestor da arena dizer para onde eles vão, mas estão lá. Se se plugar esses dados e mandá-los para uma central, onde a Polícia Federal e o Ministério Público tenham acesso, o mau torcedor, sabendo disso, não vai frequentar o estádio, ele vai ficar inibido de ir.

E aí é o tema. (*Orador fala olhando para o Power Point.*) O torcedor vai ao estádio e o depedra. E qual a penalidade que ele tem sofrido na prática? Nenhuma. Isso faz com que o torcedor, ou o que não foi, ou o que pode fazer alguma coisa, ficar mais motivado a fazer algo porque não há penalidade.

Então, segurança é fundamental para que o espetáculo tenha sucesso, e as arenas voltem a resgatar o seu público.

Aqui eu trago algumas imagens, que passaram na TV e estão circulando nos jornais, com relação à briga de torcedores nos estádios. Como o trabalhador vai convencer a sua esposa a levar seus filhos a um estádio vendo uma cena desta aqui? Ou a esta aqui? Aqui, a polícia está contendo o torcedor, com cassetete. Ou aqui, nessa briga horrorosa? Ou então, ao chegar ao estádio, encontra uma turma dessa chegando. Qual é a posição do cidadão quando ele olha isso aqui? (*Segue-se exibição de imagens.*) Ele não quer voltar mais ao estádio. Então, talvez seja um ponto para que nós estejamos mais alertas, para buscar melhoria.

Quanto à mobilidade urbana, nós temos que buscar uma solução — e isso envolve Municípios, Estados e o próprio Governo Federal — para o transporte público. Hoje, o trabalhador não consegue sair do seu trabalho e ir ao estádio para assistir a um jogo às 10 horas da noite, pois não há transporte para ele voltar para casa.

Então, temos que olhar esse tema com muito cuidado e com muita responsabilidade, porque isso é um fato real. Hoje está na mídia que todos os torcedores que frequentam estádios reclamam do horário dos jogos, porque não há transporte para voltar. E quanto à segurança do entorno? O jogo termina muito tarde. Qual a segurança que o torcedor tem, se ele volta para casa meia-noite? Então, o acesso do torcedor ao evento é fundamental para que ele seja melhorado.



Aqui há um exemplo de um jogo lá em Itaquera, que acabou meia-noite. O relógio ali marca meia-noite e pouco. Olha a quantidade de torcedores que ainda estão descendo a rampa para pegar o metrô. *(Segue-se exibição de imagens.)* O torcedor vai ao primeiro jogo, mas, no segundo, sabendo que vai acontecer isso, não volta. Começamos então a avaliar por que o torcedor não volta aos estádios. Esse é um dos motivos.

Existe um projeto de lei hoje, o PL 015, de 2014, de autoria do Deputado Deley, referente ao vale-esporte. Esse projeto já passou na Câmara e agora está no Senado. Peço, portanto, aos Deputados que influenciem na tramitação desse projeto. Não há nada que o desabone, mas ele está parado.

Na verdade, precisamos incentivar que o trabalhador volte a frequentar os estádios. Já que estão 30 reais o preço médio do ingresso, vamos criar o vale-esporte. Com isso, vamos ampliar o público para frequentar as arenas. Vamos fortalecer os clubes com mais público. Isso fortalece o patrocinador e motiva o atleta a disputar um campeonato. Então, esses são pontos para os quais temos de olhar. Queremos dar oportunidade a todos.

Por último, falo do dia de jogo, de entretenimento para a família. Um dia de jogo é um dia especial. O torcedor sai de casa mais cedo para frequentar o jogo. Ele veste a camisa do seu time e leva a família. As famílias estão buscando a maneira de o pai de família levar todos os filhos ao estádio. Para isso, ele tem que chegar numa arena, num estádio, e encontrar bares, restaurantes e lojas para que o passeio seja atrativo, e não precise só olhar o gramado. Mas, para se montar uma operação de restaurante num estádio hoje, sem bebida alcoólica, o que é um ponto polêmico — hoje todo mundo pergunta se a bebida alcoólica no estádio aumenta a violência, mas ela está do lado de fora —, não se consegue. Nenhum operador de restaurante quer botar um ali.

Então, esse é um tema que nós temos que debater, que pensar com muito pé no chão.

E o que acontece hoje? O torcedor bebe do lado de fora, e, faltando 15 minutos para o espetáculo, entra aquela turma toda. A catraca não é prevista para isso, o que gera um tumulto na entrada. A família que vê aquela confusão não quer voltar no jogo seguinte. Isso tem afetado os nossos negócios. O dia de jogo tem que



ser uma experiência marcante. O torcedor tem que sair do estádio querendo voltar no jogo seguinte. Isso aí não tem jeito.

E, aí, já para terminar, eu mostro algumas fotos. O dia do evento tem que ser um... Eu botei alguém pintando, uma imagem aqui da Copa, que interage... Você quer chegar mais cedo, quer tirar foto com os personagens, enfim. Tem que tem bar, pois é um ponto de encontro.

Aqui estão opções de bares e restaurantes, que têm sido construídos aí pelas novas arenas. Isso aí é em São Paulo. Antes de o jogo começar, as pessoas ficam nos restaurantes esperando. Assim, você traz o público mais cedo para o estádio.

Isso aqui é na Arena Pernambuco. Você tem que ter restaurantes, e não só pipoca e Coca-Cola. Você tem que ter sanduíche, um prato, uma alimentação mais adequada.

Então era isso que eu gostaria de mostrar a todos. Na verdade, eu não queria polemizar sobre a dificuldade do estádio, mas mostrar o que podemos fazer para que isso aconteça. Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Obrigado, Eduardo, pela sua explanação.

Passo a palavra agora ao Sr. Rogério Hamam, Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, do Ministério do Esporte.

O SR. ROGÉRIO HAMAM - Muito boa tarde a todos. Em nome do Ministro George Hilton eu gostaria de agradecer aqui o convite do Deputado Valadares Filho. Parabenizo também os componentes da Mesa, que fizeram as apresentações das respectivas arenas, e, por isso mesmo, quero complementar as informações com alguns dos benefícios propiciados com a realização da Copa aqui no Brasil.

A Copa atraiu milhares de turistas estrangeiros. Foi um comprovado sucesso a realização do evento, que, inclusive, justificou a construção das arenas. Esses gastos dos turistas chegaram perto de 25 bilhões, o que deu um impacto na economia nacional, no PIB, de 30 bilhões, segundo estudos da FIPE.

Foram investidos recursos importantes na infraestrutura turística, em mobilidade urbana, nos portos, aeroportos, em segurança, telecomunicações, equipamentos de turismo. A Copa foi atendida em todas as regiões do Brasil. Os 12 estádios estavam localizados nas cinco regiões do Brasil.



É importante destacar também que não houve investimento de dinheiro do Orçamento da União. Eles foram erguidos com financiamento do BNDES, com recursos locais e da iniciativa privada. E esse recurso tem que retornar, tem que voltar ao banco.

Os estádios são modernos, são sustentáveis, trazem segurança ao torcedor, servem de referência também, de inspiração para os demais estádios absorverem essa onda de modernização.

É importante destacar também a melhoria nas telecomunicações, na tecnologia móvel 4G, dez vezes mais rápida que a anterior, que já estava disponibilizada nas cidades-sedes. O orçamento em segurança atingiu aproximadamente 2 bilhões de reais, incluindo centros integrados de comando e controle. O Programa Brasil Voluntário capacitou cerca de 18 mil voluntários para a atuação na Copa do Mundo, e 700 gandulas que trabalharam como auxiliares foram também capacitados.

Houve um importante investimento na revitalização de museus e de outros centros de treinamentos que foram escolhidos para as 32 seleções em 27 cidades da Federação. Foram gerados cerca de 100 milhões de reais em negócios para micro e pequenas empresas em oportunidades ligadas à Copa do Mundo. A Apex atingiu cerca de 2 bilhões de reais em negócios só durante a Copa das Confederações.

Um valor de 1 bilhão de reais foi destinado para a construção ou reforma de hotéis em cidades-sedes e redondezas. Cento e sessenta e seis mil pessoas foram matriculadas em cursos de qualificação do Pronatec Turismo, que ofereceu 54 cursos de idioma.

Acrescento também que o mundial gerou cerca de 1 milhão de empregos no País, sendo um pouco mais de 700 mil vagas fixas e um pouco mais de 200 mil vagas temporárias registradas em carteira de trabalho. Sete Estados, em seis cidades-sedes, ainda receberão jogos durante as Olimpíadas, incluindo o Rio de Janeiro, Salvador, Manaus, Brasília, Belo Horizonte e São Paulo.

Nós atingimos um recorde de gastos de turistas estrangeiros no Brasil, superando em 200 milhões o recorde anterior de 2013. É importante dizer também que os estádios muitas vezes tiveram seus custos de construção inferiores aos



registrados nas últimas três Copas do Mundo, em estádios como Sapporo Dome, no Japão, Cape Town, na África do Sul, e Allianz Arena, na Alemanha. A própria França, que está se preparando para organizar a Eurocopa de 2016, tem investido em média 380 milhões de dólares em cada estádio. No Brasil esse custo foi de 300 milhões de dólares.

Eu quero dizer também que um estudo da FGV aponta que o futebol hoje movimenta 11 bilhões de reais por ano, gerando 370 mil empregos, e o potencial é de chegar a 62 bilhões de reais, com 2 bilhões de empregos. Para isso é essencial a modernização dos estádios e da gestão na administração dos clubes.

Com ou sem Copa seria necessário esse salto de modernização, esse salto de qualidade, que é o que nós estamos buscando constantemente, interagindo e articulando junto aos atores que integram a cadeia produtiva do futebol, buscando essa modernização constante, buscando esse aprimoramento, que pode elevar a qualidade do espetáculo, garantir mais segurança para o torcedor.

As arenas, às vezes, cumprem um papel muito importante nessa direção, porque elas trazem essa percepção do conforto, essa percepção da segurança, que deve servir de inspiração também a outros estádios.

Então, esses são alguns dados que nós gostaríamos de acrescentar, ilustrando aqui a apresentação dos gestores das arenas multiuso, que também são responsáveis não só pela realização de jogos, mas também de espetáculos, shows, congressos, convenções, que movimentam toda a cadeia produtiva da indústria do turismo em suas respectivas sedes, movimentando deslocamentos, hospedagens, transporte e a gastronomia local. Então, as arenas também têm que ser percebidas como polo propulsor, impulsionando a indústria do turismo, a indústria dos eventos locais.

Esses são os dados que gostaríamos de acrescentar aqui ao que já foi apresentado. Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Muito obrigado, Sr. Rogério.

Finalizadas as apresentações, abriremos espaço para os debates. A lista de inscritos... *(Pausa.)*



Antes de passar para o primeiro inscrito, o Deputado Afonso Hamm, eu gostaria de fazer duas perguntas bem objetivas ao Secretário de Turismo do Distrito Federal, o Sr, Jaime. A primeira pergunta relaciona-se ao jogo Corinthians e Cruzeiro, que inicialmente seria realizado no Estádio Mané Garrincha, ou na arena, e foi transferido para Cuiabá. Há um questionamento se isso não foi priorizado pelo Governo do Estado e como foi essa tratativa.

A segunda pergunta é que também está havendo um outro questionamento em relação aos shows que estão acontecendo lá na arena. Dizem que a grande maioria vem sendo realizada fora do estádio, na área externa do estádio, o que pode descaracterizar um pouco a questão do multiuso, que é o principal objetivo da arena.

Então, são essas as duas perguntas que faço ao senhor.

O SR. JAIME RECENA - Obrigado, Deputado. A primeira pergunta é sobre a transferência do jogo Cruzeiro e Corinthians. O Governo de Brasília não compra jogos. Nós apenas alugamos o equipamento para a realização desses jogos. Normalmente quem compra esses jogos são grupos de empresários, empresas, produtores, enfim. E o que aconteceu foi que o comprador, o produtor, enfim, o representante desse jogo — o clube — recebeu uma proposta maior de algum outro empresário, e, aí, fugiu ao controle do Estado, ao controle do Governo de Brasília entrar nessa negociação. A nossa parte se limita à arena. Nós não entramos nessa negociação de compra de jogos.

O que nós temos feito agora nesse sentido é, além de estabelecer uma relação com esses empresários ou grupos de empresários que compram esses jogos, nós temos feito um trabalho proativo com os presidentes de alguns clubes. Já estivemos nesta semana com o Presidente do Flamengo, já estivemos em contato com o representante do São Paulo Futebol Clube. Na semana que vem estarei reunido com o Presidente do São Paulo. Nós abrimos um canal porque existe também nesse mercado o interesse de que os clubes conversem diretamente com os operadores de arena sem precisar do intermediário e do comprador de jogo.

Com relação aos eventos que têm acontecido fora do estádio, no estacionamento, vai muito da característica de cada evento. Nesse final de semana tivemos um exemplo disso, que foi o Festival Villa Mix, que, dadas a sua estrutura e a sua logística, não cabe dentro da arena e é um evento pensado para uma área



como essa. Para que os senhores possam ter uma ideia, a estrutura do Festival Villa Mix em termos de evento hoje no Brasil só perde em tamanho para a estrutura do Rock in Rio. Não se leva um festival como o Rock in Rio para dentro de um estádio como o Maracanã, precisa ter uma área de circulação e um espaço mais amplo. Então acaba que alguns eventos, por suas características, são realizados no estacionamento, mas o Governo se beneficia com isso porque, é claro, há uma cobrança pela utilização desse espaço. Às vezes acontece o inverso, existem eventos programados para acontecer do lado de fora, e, devido ao sucesso, acabam solicitando a transferência para dentro da arena. Temos um exemplo que ocorreu nessa semana: um evento chamado Brasília Pop, que é um evento de *rock*, com *show* do Lulu Santos e do Capital Inicial. Estava inicialmente marcado para acontecer no estacionamento, e nós já recebemos a solicitação para ir para dentro da arena porque o público comporta. Isso depende muito da característica de cada evento, do local em que ele ocorre. Posso garantir que a maior parte dos eventos tem acontecido dentro da arena, e nós temos dado um incentivo para que isso aconteça, o Estado, porque dentro da arena nós entendemos que há melhores condições de se fornecer segurança para os frequentadores desses eventos e toda essa parte de infraestrutura que foi até bem colocada pelo Eduardo, da ABRARENAS, quanto ao receptivo, à higiene, às instalações, à segurança. Isso é importante para atrair público.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Obrigado, Secretário.

Passo a palavra agora ao Deputado Afonso Hamm.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Eu queria, em primeiro lugar, cumprimentar o Deputado Valadares Filho pela iniciativa e dizer que o tema do futebol é uma prioridade inclusive da agenda legislativa da Casa. Neste momento estamos com um debate no Senado. Eu sou membro titular daquela Comissão e fiz a escolha de ficar aqui por um tempo para podermos debater esse assunto. Lá estão os médios times hoje. Ontem os grandes clubes de futebol estiveram debatendo a Medida Provisória nº 671, de 2015, que trata da questão da dívida, que é um dos pilares a serem resolvidos na reestruturação e na agenda positiva do futebol brasileiro.



Nós, pela manhã, estivemos sob a liderança do nosso Presidente, Márcio Marinho. Estou na condição de presidir, e presidimos hoje uma reunião bem interessante. Nós criamos a Subcomissão Permanente do Futebol Brasileiro e estabelecemos, com o Lindberg, com toda a assessoria e com os Relatores, uma pauta. Posteriormente, acho que no início da próxima reunião, vou fazer uma abordagem mais detalhada dela porque nós temos o projeto de um fórum permanente para o futebol que se estabelece em várias alçadas. Lá se discute um ponto, aqui estamos discutindo a questão dos estádios, e dentro dessa proposta um dos quatro esteios é exatamente a questão da potencialização do uso dos nossos estádios, da segurança e da ocupação desses estádios. Eu vou entrar no tema.

Esta audiência é absolutamente oportuna e esclarecedora porque estão aqui entidades como o Ministério do Esporte, representada pelo Secretário do Futebol, da Secretaria de competência da área.

O senhor falou vários dados, eu não consegui pegar qual foi a instituição que fez a pesquisa, que fala num faturamento de 11 bilhões. Seria interessante nós recebermos esse material. É interessante, há um potencial de 60, não sei em que prazo e com que providências. É importante. Vamos nos somar para ver que providências de organização — aqui se falou muito de organização — nós podemos e devemos tomar dentro dessa busca de organização. É um dos itens a organização porque é um dos temas o calendário. Tudo vem da organização — leia-se oportunidade para os atletas e boas competições, que se refletem nos estádios. Enfim, há também a questão do Eduardo Martins, que representa uma entidade nova, eu imagino, porque as arenas são novas.

Já deixo uma pergunta, porque se fala em três arenas deficitárias, para não chamá-las de elefantes brancos, como costumam dizer. Nós não estamos na linha pejorativa, estamos na linha da construção. Aí vem a pergunta que vou deixar: quais são as providências que podemos tomar nas três arenas que são apontadas como deficitárias? Uma é próprio Mané Garrincha, para o qual farei uma pergunta mais direcionada, as outras são a Arena Pantanal, em Cuiabá, e a Arena da Amazônia. Sempre houve uma preocupação. Consequentemente, pergunto se isso é verdadeiro e que providências podem ser tomadas.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)



O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - A Arena das Dunas não está nessa reportagem que eu recebi. Eu não ouvi a fala da... É a Arena das Dunas? Foi apresentada aqui? Eu perdi sua apresentação. Ela está numa delas aqui. Eu perdi, eu cheguei mais tarde, estava em outro compromisso, como eu disse.

Eu queria fazer uma colocação. Já que estão os dois presentes, a pergunta é exatamente para os dois.

Nós tivemos a oportunidade de ir à África do Sul e de visitar alguns estádios. Nós visitamos quatro grandes estádios, até para vermos o que tinha ficado do legado pós-Copa do Mundo na África do Sul e para termos uma ideia antes da Copa no Brasil. Foi uma experiência interessante, nós vimos adaptações e esse conceito de arena múltiplo uso, sendo que, é claro, nós temos um potencial extraordinário para o futebol. Se elas têm a condição de múltiplo uso, vamos usá-las. E estão sendo usadas. Algumas, como o Beira-Rio, também têm um componente privado. São três os estádios que são privados dentro desse conjunto de 12 estádios remodelados, fora a Arena do Grêmio, que não ficou na Copa do Mundo. Agora temos a do Palmeiras. Então, nós vemos que temos um avanço muito grande no legado positivo dos estádios, mas a relação que sempre fica e que é importante é que uma coisa é cobrir o custo de investimentos e outra coisa é o custeio. Nós vamos, naturalmente, buscar o custeio ou a receita de quem for gestor, e isso eu acho que está sendo perseguido e está sendo obtido. A outra parte é se nós vamos ter a capacidade de obter receita suficiente para pagar o investimento, que são os financiamentos. Com esse público eu acho que não, mas se aumentar o público nos jogos mais o componente dos eventos, eu acredito que essa é uma equação porque se retorna o dinheiro para o agente financiador... Ontem nós votamos aqui 50 bilhões a mais para o BNDES para alavancar a economia como um todo.

A cadeia produtiva do futebol é uma cadeia extraordinária do ponto de vista do que ela representa em cenários de oportunidade. O senhor falou em 350 mil empregos diretos, com potencial de 2 milhões de empregos. É isso? Eu peguei rápido. O senhor falou muito rápido. Eu gosto muito de trabalhar com números. Por isso que eu quero depois... São 372 milhões, então mais ou menos eu consegui captar números. Hoje são 370 mil, e essa cadeia produtiva pode chegar a 2 milhões. Que interessante! Imagino que estão aí quem trabalha no estádio, quem participa do



próprio futebol, quem está envolvido no processo. Então, é um segmento de negócio e, conseqüentemente, além do entretenimento, ser a identidade e o lazer porque às vezes não estão no estádio, mas estão assistindo pela televisão, que hoje talvez seja um dos grandes pontos, porque a televisão compete com mais segurança. Com certeza nós vamos ter presença e mais público.

Eu queria também dizer que, além de levantar esses dados, que são importantes no sentido construtivo, nós devemos trabalhar. Tem que haver esse esforço de presença maior nos estádios em todos os jogos. É feio assistir a um jogo na televisão e não ver a torcida. E isso está acontecendo bastante. Esses são os desafios, porque os estádios ficaram qualificados.

Alguém disse aqui que não se pode elitizar, mas oferecer qualidade é outra coisa. Para sentar num assento confortável, não interessa se a pessoa ganha um salário mínimo ou ganha 1 milhão de reais por ano. Trata-se de um torcedor. No voto, somos todos iguais. No futebol, também somos todos iguais. Então, também temos que criar essas condições.

Se há um custo fixo e se o custo variável não é tão grande, por que não colocar mais gente no estádio por um preço intermediário de ingresso? Isso é gestão. Imagino que nós podemos colaborar com algumas providências, algumas iniciativas.

Falou-se na média de 16 mil torcedores no ano passado. A capacidade média dos grandes estádios está na faixa de 40 mil pessoas. Aqui, 72 mil, não é?

Não vou me estender. Fiz uma reflexão e, ao mesmo tempo, algumas perguntas sobre o tema abordado.

Pretendemos, de forma compartilhada com os agentes do segmento, com quem está interessado, trabalhar numa agenda positiva para o futebol, ao longo desse ano e no próprio período de mandato. Todo mundo está pensando nisso. Nós estamos trabalhando nesse esforço, sem haver paralelismo. Onde está sendo tratado um assunto com competência, trata-se lá. Se estiver fora dessa cobertura, discutimos aqui, sem sermos pretenciosos, mas colaborativos.

Entendemos que houve um avanço. Se botar na balança, a Copa do Mundo de futebol foi positiva para o futebol brasileiro? Foi. Mesmo que tenhamos tido um resultado adverso dentro do campo, pelas circunstâncias que todos nós sabemos,



nós estamos trabalhando, tomando providências para a formação das categorias de base. Há outros eixos a serem trabalhados, com certeza, como o ajuste na relação entre custo e benefício dos estádios, o seu custeio, o seu pagamento na íntegra.

Eu acredito que temos condições de olhar para trás, olhar onde estamos e fazer projetos para o futuro. Talvez nós só possamos pensar nesses números porque o futebol brasileiro tem essa representação.

O que eu queria dizer era isso, Sr. Presidente. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Passo agora a palavra ao Deputado João Derly.

Temos quatro inscritos. Com a concordância do Plenário, faremos logo o bloco desses quatro inscritos e, depois, os nossos convidados respondem as perguntas. O tempo será de 3 minutos, se possível, com prorrogação de mais 1 minuto.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Justamente na minha vez? *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - O Deputado Afonso Hamm não gosta de falar.

O SR. DEPUTADO AFONSO HAMM - Vou fazer uma correção. O Deputado Afonso Hamm fala bastante, mas trabalha muito mais. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Cumprimento o Deputado Valadares Filho, que é autor do requerimento desta audiência pública.

Cumprimento os nossos convidados Jaime Recena, Eduardo Martins, André Luiz da Costa Ferreira e Rogério Hamam por se fazerem presentes.

Tenho algumas perguntas. Vou tentar ser sucinto e fazê-las rapidamente.

Quais são os valores cobrados dos clubes de fora do Estado da respectiva arena utilizada, quando utilizam suas instalações? Qual é o valor cobrado desses clubes?

Quais as iniciativas desvinculadas do futebol, como *shows*, e de que forma são feitas essas ações para utilizar as arenas? Se são ações da iniciativa privada, há dados que permitam demonstrar se essas ações vão gerar circulação, vão gerar público para que essas estruturas deixem de ser subutilizadas?

Quanto cada estádio consome mensalmente com manutenção? Isso é importantíssimo saber.



É verdade que, depois de aberta a arena, o estádio, o custo é o mesmo se são recebidas 10 pessoas ou 40 mil pessoas? É o mesmo valor? Eu já escutei isso e queria confirmar se isso é fato, se é realidade. Daí, justificaria termos ingresso popular, se for o mesmo valor quando o estádio é aberto para um número pequeno de pessoas, porque poderíamos otimizar o uso do espaço.

Eu estava levantando os valores dos ingressos. Por exemplo, no jogo do Atlético contra o Fluminense aqui em Brasília, a inteira custou 160 reais e a meia entrada, 80 reais. Entre Flamengo e Sport, será 60 reais a inteira e 30 reais a meia. Esses são os menores valores das arenas. Não é um valor que fica na média de preço do *ticket* que nos foi passada.

Em Cuiabá e Brasília, o que pode ser feito em relação aos jogos de clubes locais? Podemos utilizar os estádios com os clubes locais? Em Cuiabá há o Mixto e o Cuiabá, em Brasília temos o Brasília Futebol Clube. Há possibilidade de otimizar o uso desses estádios e arenas com os times locais?

Nos locais onde há clubes, qual o aluguel dos consórcios? Quanto os consórcios cobram dos clubes para que utilizem as arenas?

Essas são minhas perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Agradeço ao Deputado João Derly.

Estamos na fase da Ordem do Dia lá no plenário. Vamos tentar agilizar nossos trabalhos aqui.

Passo a palavra ao Deputado Silvio Torres.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Obrigado, Sr. Presidente.

Agradeço a presença dos convidados, em especial a do meu amigo Rogério Hamam, que foi meu colega de Secretaria no Estado de São Paulo. Ele era Secretário do Desenvolvimento Social do Estado e está hoje também com uma importante função aqui em Brasília.

Vou procurar ser breve. Tenho números e informações bastante expressivos. Não sei em quais informações o Deputado Valadares Filho se baseou para convocar esta audiência, mas provavelmente foram as mesmas informações.

Eu começaria mencionando que em todas essas arenas representadas pelos presentes, mais as localizadas no Rio Grande do Norte e em Manaus, o público



médio caiu depois da Copa do Mundo. O público médio que foi a esses estádios é menor. Tenho aqui um levantamento feito agora pela ESPN, que fez um quadro com os números. Na arena de Cuiabá, no Mato Grosso, houve 26 jogos, com público total de 17.395 e média de 670 pessoas por jogo. No Distrito Federal, o público total foi de 8.396, porque só um jogo oficial foi feito até agora lá, segundo essa informação — por isso estou checando —, que foi Gama e Brasília, que se enfrentaram na primeira partida pela final do campeonato local.

Segundo as informações trazidas, esses estádios estão longe de atingir a finalidade para a qual foram propostos. Como Presidente da Comissão de Fiscalização e Controle da Câmara dos Deputados, através de Subcomissões que foram especialmente instaladas para acompanhar os custos dos jogos da Copa, acompanhei desde a construção dos estádios, a questão do legado, a mobilidade. Contradizendo um pouco as informações oficiais — desculpe-me, meu amigo Rogério —, praticamente tudo foi frustrado, a começar do próprio crescimento previsto.

Segundo a previsão, só com a realização dos jogos, o PIB do Brasil iria crescer 1%. Mas em 2014 ele foi de 0,5%, considerando toda a produção que nós tivemos. Em relação às obras de mobilidade, 50% ainda não foram terminadas. O fluxo de turistas ficou aquém do previsto. O grande fluxo de turistas que veio aos jogos foi o turista interno ou da própria América do Sul. O número de turistas dos Estados Unidos, da Europa e de outros países, talvez até pela distância, foi muito pequeno.

Acho que isso mereceria outro tipo de avaliação. Eu mesmo já cogitei propor alguma coisa que fizesse uma avaliação correta de quanto se gastou na Copa de 2014 e quais foram os resultados reais.

Essas arenas, que são chamadas de elefantes brancos, são um problema quase que insolúvel. Ouvi o Sr. Martins fazer um diagnóstico daquilo que deveria ser feito. Não sei se ela existe, mas não vi proposta para viabilizar essas arenas, que têm custos altíssimos de manutenção, de custeio. Num quadro em que Estados e Municípios estão quase à beira da falência, eu não sei como isso vai ser resolvido. Não há mais dinheiro público.



Vou ler uma informação sobre Brasília. O Secretário de Turismo deu uma declaração de que o Governador Rodrigo Rollemberg iniciou seu mandato com um rombo de quase 4 bilhões de reais. A construção do Mané Garrincha faz parte dos problemas a serem administrados pela nova gestão. O estádio recebeu 28 eventos desde o final da Copa de 2014, sendo 12 relacionados ao futebol. Ano passado, não sei se o Deputado Afonso Hamm acompanhou, fomos fazer uma visita ao estádio, e o seu custo estava previsto em 1,9 bilhão de reais. Agora, o número oficial parece que é de 1,7 bilhão de reais. Foi o estádio mais caro da Copa. Ele valeu por três ou quatro dos europeus que foram citados. Foi construído em Brasília um estádio para 72 mil pessoas, e não há público para 12 mil, para 10 mil, normalmente. Está sendo feita uma auditoria para ver se o estádio vai ser privatizado ou não. Qual é o custo de manutenção? *“Nosso levantamento está em R\$600 mil, mas pode aumentar. A gente ainda está querendo saber qual é a cor desse elefante.”* A afirmação é do Sr. Jaime Recena, nessa matéria.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Não, aqui é para a BBC. É muito recente.

Eu acho que não podemos alimentar expectativas que podem se tornar ilusões. Não vejo a menor possibilidade de esses estádios serem autossuficientes. Não há renda média suficiente para sustentar uma arena multiuso com *shows*.

O Deputado Afonso Hamm falou que foi à África do Sul. Eu também fui à África do Sul. O maior estádio de Joanesburgo, da África do Sul, foi usado na abertura e na partida final da Copa. Ele foi construído num bairro que já tinha um estádio relativamente moderno, onde se pratica *rugby*, que é o esporte mais popular daquele país. E lá o pessoal estava acostumado a pagar o equivalente a 5 reais por *ticket*. É óbvio que aquele estádio também é um elefante branco que nunca vai ter conserto. Acho que essa média de 32 considera os estádios grandes e as finais dos nossos campeonatos, onde os preços dos ingressos sobem. Mas, na média do campeonato, não há público suficiente para pagar e sustentar esse custo.

Vou deixar no ar a pergunta: o que, concretamente, vocês vão fazer em cada um desses estádios?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Obrigado, Deputado Silvio Torres.

O último inscrito é o nosso Presidente Márcio Marinho, que está com a palavra.

O SR. DEPUTADO MÁRCIO MARINHO - Sr. Presidente Valadares Filho, quero parabenizá-lo mais uma vez pela iniciativa de ter sido o proponente do requerimento que culminou com esta audiência pública.

Faço uma saudação ao Sr. Rogério Hamam, da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, do Ministério do Esporte. Saúdo também o Sr. Eduardo Martins, o Sr. Jaime Recena, o Sr. André Luiz e os nobres pares Deputados Afonso Hamm, João Derly e Silvio Torres.

Vou ser bem sucinto. Eu gostaria de fazer algumas perguntas, primeiro, ao Secretário do Distrito Federal. Todos esses eventos que o amigo citou são suficientes para tornar a arena financeiramente sustentável?

Eu ouvi o senhor falando sobre os eventos que acontecem no estádio. Lá no meu Estado, a Bahia, temos uma dificuldade enorme. Recentemente, a Justiça proibiu a realização de eventos no estádio, mas já existiam alguns *shows* contratados. Imagine o desespero das pessoas que compraram seus ingressos para ver *shows* como o do Skank, que foi desmarcado. A Justiça determinou que voltassem a ser feitos eventos, mas o *show* ainda está desmarcado. Como conseguimos sustentar uma estrutura dessa só com futebol? Os Deputados que me antecederam aqui já disseram que os estádios não estão lotando. Isso significa dizer que há uma dificuldade muito grande para a manutenção desses estádios. A pergunta é se esses eventos são suficientes para que as arenas sejam financeiramente sustentáveis. Essa é a pergunta para o nobre amigo.

A outra pergunta é para o Sr. Eduardo, da ABRARENAS. Como evitar preços absurdamente altos, como os que foram praticados na Copa, para alimentos e bebidas no interior das arenas? Isso também afastará, a médio e longo prazo, os torcedores. Em alguns lugares, os ambulantes que ficam ao redor dos estádios têm dificuldade de vender seus produtos, e os torcedores que compram também têm dificuldade de levar esses produtos para dentro das arenas, porque não é permitido.



A outra pergunta seria o seguinte. Não sei se essa pergunta parece meio fora de momento, mas há uma incongruência muito grande: o Estádio Mané Garrincha sendo administrado pela Secretaria de Turismo, uma vez que se tem uma Secretária de Esporte no Distrito Federal. Os eventos que lá acontecem são esportivos e culturais. Por que esse estádio, esse espaço, esse equipamento estar sendo administrado por uma secretaria que responde pelo esporte, pelas atividades esportivas no Distrito Federal? Eu acho que seria uma pergunta de muitas pessoas no Distrito Federal. Se há uma secretaria com ações definidas em relação ao esporte, por que ela ser administrada por uma secretaria de turismo?

Seriam estas as minhas perguntas. Praticamente todas as que eu iria fazer já foram feitas pelos nobres colegas. Eu não utilizei os meus 3 minutos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Obrigado ao querido Deputado Márcio Marinho, nosso grande presidente.

Finalizadas as perguntas, vou passar a palavra aos nossos convidados. Eu queria registrar que alguns internautas mandaram perguntas para a nossa audiência pública: o Flávio e o Jamil. O Jamil fez uma pergunta ao Sr. André Luiz e o Flávio uma pergunta ao nosso Secretário Jaime.

Vou passar a palavra aos nossos convidados da mesma forma que iniciamos os nossos trabalhos. O Sr. André Luiz poderia iniciar respondendo às perguntas, depois o nosso Secretário Jaime, e assim sucessivamente.

O SR. ANDRÉ LUIZ DA COSTA FERREIRA - A respeito do custo de utilização da arena, depende do evento. Ele é variável. A gente não abre todos os setores da arena quando é um evento pequeno. Então, dependendo do tamanho do evento, determinados setores da arena serão utilizados.

Hoje a Arena Pantanal está arrendada para a federação mato-grossense de futebol. Ela que paga a manutenção da Arena Pantanal e a utiliza durante o evento que acabou agora, na segunda-feira. Então, ela retorna, devolve a utilização da arena para o estádio de Mato Grosso.

O custo de utilização da arena, basicamente, quando acontece um evento, envolve a limpeza, segurança, toda a parte de montagem de elementos técnicos. Então, esse custo é variável. Num evento em que a gente abre com capacidade máxima, como o do Cruzeiro e Corinthians pela abertura do Campeonato Brasileiro,



há um custo, mas o custo total de manutenção da arena durante o mês, no caso da Arena Pantanal, está entre mil e um milhão de reais mensais, dependendo do número de eventos que acontecem dentro da arena. Com os eventos, ela se paga.

O valor cobrado para utilização da arena depende do evento. É feito um contrato, e a empresa que vai utilizá-la paga um valor. Como hoje ela está arrendada, há um valor mínimo que o Estado de Mato Grosso cobra da federação. O restante é a federação que utiliza esse valor para pagar os custos de manutenção e trazer o jogo, a equipe ou o *show* a ser utilizado na arena.

Quanto à relação da utilização pelos clubes locais, o campeonato mato-grossense de futebol hoje tem os times da capital: o Cuiabá, o Mixto, o Operário e o Dom Bosco. Do interior há o União e o Rondonópolis, que são da cidade de Rondonópolis, o Poconé, que é da cidade de Poconé, o Luverdense, que é da cidade de Lucas do Rio Verde. Então, ela é utilizada pelo campeonato mato-grossense duas vezes por semana. Há um jogo no final de semana e outro no meio da semana pelos times da capital, pelos times do campeonato mato-grossense. Então, não há como dizer que não se incentiva o esporte estadual. A arena é basicamente utilizada pelas equipes do Estado de Mato Grosso.

Há uma pergunta sobre o estudo de viabilidade. Já foi feito um estudo de viabilidade na Arena Pantanal. Até hoje, não lançamos a PPP, a parceria público-privada, porque o estádio não foi entregue de forma definitiva. Há um termo de recebimento provisório. Operamos a Arena Pantanal com segurança, com conforto ao usuário e a todos que a utilizam direta ou indiretamente, mas a obra não foi entregue em definitivo para o Estado de Mato Grosso. Por quê? Porque foi feito um *checklist* junto à construtora Mendes Júnior e, dos 6 mil itens verificados, em torno de 1.000 a 1.200 não estão O.k. ainda.

A empresa está voltando — tinha encerrado o contrato. Foi acionada pela Procuradoria-Geral do Estado, e está retornando para finalizar a obra e para resolver alguns problemas que encontramos durante a utilização, para que o Estado de Mato Grosso possa receber a obra em definitivo e possa passar a administração da arena para a iniciativa privada ou fazê-lo diretamente, como está acontecendo agora.

O Sr. Jamil Ferreira fez uma pergunta, via Internet, sobre a possibilidade da criação de ligas universitárias, de modo semelhante ao que é feito nos Estados



Unidos, para aproveitamento das arenas e fortalecimento das bases estudantis. Em Mato Grosso, não há ligas universitárias de futebol. As ligas universitárias que existem lá são de futebol americano. Há um time de futebol americano chamado Cuiabá Arsenal e um time de rúgbi chamado Cuiabá Rugby. Eles utilizam as arenas menores para jogos, mas, devido ao crescimento e ao fortalecimento dessas duas modalidades, já se pensa em utilizar a Arena Pantanal, abrindo um dos setores inferiores, como se faz no Campeonato Mato-grossense, para que realizem ali os jogos mais importantes, não os jogos normais do campeonato, mas as semifinais e as finais.

Acho que não me esqueci de nenhum questionamento. Se o fiz, por favor, me lembrem, que eu já respondo.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Passo a palavra agora ao nosso Secretário de Turismo, Jaime.

O SR. JAIME RECENA - A maior parte dos questionamentos foi relacionada à nossa arena. Vamos tentar resolvê-los.

Primeiro, quero elogiar a iniciativa desta Comissão em nos trazer aqui para que possamos debater e esclarecer com transparência muitas coisas que, às vezes, saem na imprensa. Uma audiência como esta nos dá oportunidade para esclarecer e trazer luz a todos esses processos. Nesse sentido, quero parabenizar todos os Deputados membros desta Comissão na figura do Deputado Valadares Filho, autor do requerimento que proporcionou que estivéssemos aqui hoje.

Eu vou começar respondendo a pergunta do Flávio, via Internet, para depois entrar nas perguntas feitas pelos Deputados.

O Flávio perguntou como o Governo de Brasília pode, efetivamente, participar da logística dos eventos. Para todo evento que acontece, jogo ou *show*, no estádio ou em outras dependências do Governo de Brasília, sempre é feita uma reunião prévia, que junta representantes de alguns órgãos da administração pública — Secretaria de Segurança Pública, órgãos de fiscalização, Administração de Brasília, DETRAN —, justamente para debater a logística em torno daquele evento e o impacto que aquilo terá na cidade. Então, o Governo de Brasília já atua nesse



sentido. Já é um procedimento corriqueiro, normal: antes dos eventos, acontece sempre essa reunião de diversos órgãos da administração pública.

Bom, vou agora responder uma pergunta do Deputado Márcio Marinho, até para explicar um pouco da razão de eu estar sentado aqui falando da arena. A pergunta foi objetiva: por que a arena está a cargo da Secretaria de Turismo?

Dentro do Governo de Brasília, a Secretaria de Esporte tem uma pauta muito definida, que é cuidar da política de desenvolvimento do esporte e da inclusão social através do esporte. Esse é o entendimento, e essa é a diretriz sob a qual a Secretaria de Esporte trabalha hoje no Distrito Federal.

E por que a Secretaria de Turismo está à frente da gestão da Arena Mané Garrincha? Porque nós entendemos que ela é um instrumento de desenvolvimento e de captação de grandes eventos, que causam impacto no desenvolvimento econômico do Estado. Por essa razão, por ela ter a característica de multifuncionalidade, de não apenas receber jogos de futebol, e se nós entendermos que jogos de futebol são grandes eventos — e nós estarmos fazendo um esforço de transformá-los em grandes eventos, algo que foi até colocado pela ABRARENAS —, o potencial turístico que a arena tem é muito grande. Então, nós temos esse entendimento de que a arena é um instrumento que colabora no desenvolvimento econômico do Distrito Federal e não está relacionada apenas ao esporte, tem esse caráter de multifuncionalidade. Por essa razão, há a determinação, dentro do Governo, de que sua gestão cabe à Secretaria de Turismo, que é o órgão que tem a responsabilidade de captar grandes eventos para a cidade e, com isso, fomentar toda a cadeia de turismo. Por essa razão, a arena está sob a nossa responsabilidade.

Completando, há uma segunda pergunta do Deputado a respeito de se os eventos são suficientes. Aí, eu quero entrar um pouco também no que o Deputado Silvio Torres colocou.

Deputado, o senhor faz algumas críticas aos números da Copa. Eu prefiro não abordar esses dados. Eu não tenho aqui todos os dados da Copa.

No que diz respeito à própria arena, o atual Governador e eu, pessoalmente, fomos muito críticos, durante a sua construção, para com o tamanho do que se estava construindo. Muitas pessoas aqui em Brasília criticaram o tamanho desse



estádio. Agora, nós entendemos que esse é um assunto vencido. Enfim, na época, o Governador que tinha o poder de decisão com relação ao tamanho do estádio que seria construído tomou a decisão de construir uma arena de 72 mil lugares, e cabe a nós, na atual gestão, trabalhar para mudar a cor desse elefante, falando, assim, um trocadilho.

Nós sabemos que o tema é este — a preocupação dos Deputados é a mesma que o Governo de Brasília tem: de que forma essa arena pode se tornar sustentável? A palavra é uma só: criatividade. Nós temos que buscar alternativas. O problema está colocado. O estádio já está construído, e nós precisamos dar a ele uma funcionalidade. O que temos tentado é dar essa funcionalidade justamente com eventos, com outras coisas que nós podemos levar para dentro do estádio.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Mas transferir secretarias para lá não é uma solução muito sustentável. Se a arena eventualmente tiver que ser entregue à iniciativa privada, porque dificilmente o Poder Público vai conseguir mantê-la, as secretarias terão que ser tiradas?

Estou dizendo que há uma improvisação que não se sustenta.

Alguém tem um projeto para essas arenas? Essa que é a dúvida.

O SR. JAIME RECENA - Sobre a transferência das secretarias, nós entendemos que isso resultará numa economia muito objetiva de 14 milhões reais que estamos gerando para o próprio contribuinte. Para nós termos números bem objetivos — na própria matéria, nós falamos em aproximadamente 600 mil reais —, hoje temos um custo de 800 mil reais para manter essa arena. A vinda dessas três secretarias de forma provisória para dentro do estádio vai gerar uma economia de 14 milhões para os cofres públicos. Então, há um entendimento muito objetivo de que, nesse primeiro momento, essa foi uma saída encontrada para que o estádio não seja só oneroso.

Nesse sentido, hoje o estádio já começa, se se calcular na ponta do lápis, a gerar uma economia para o Estado. Agora, isso é definitivo? Não, isso não é definitivo. Paralelamente a isso, nós temos buscado algumas iniciativas, para que possamos, num futuro próximo, apresentar à sociedade um caminho para esse estádio em que acreditamos.



Agora, o problema não é algo para que se possa arrumar uma solução de forma rápida, dada a complexidade de operar uma arena numa cidade em que não se tem nenhum clube disputando a Série A do Campeonato Brasileiro. Nós sabemos, e isto foi apresentado aqui pela ABRARENAS, que todas as arenas no mundo que têm resultado positivo recebem jogos de futebol, têm um clube na cidade. Há o Amsterdam Arena, que é do Ajax, e outros exemplos que foram citados ali. Isto é um desafio a mais para o nosso caso aqui em Brasília: não ter nenhum clube na primeira divisão e ter um futebol que ainda está em desenvolvimento, como a própria cidade, que tem 55 anos, uma cidade nova, que está buscando, a cada dia, a sua identidade, e os próprios clubes de Brasília vivem também essa situação.

Fazendo uma referência, o senhor apresentou um dado: 8 mil, quase 9 mil pessoas num jogo da decisão do campeonato Candangão, que é o campeonato do nosso Estado. Isso se refere apenas ao primeiro jogo e ao número de pagantes, porque o número total, salvo engano, foi de 14 mil pessoas no primeiro jogo, e, no segundo jogo, que não consta na reportagem, que foi logo no final de semana seguinte, foi de pouco mais de 24 mil pessoas. Então, o estádio, este ano, foi utilizado para duas partidas oficiais, as partidas de decisão do Candangão, pelo Gama e pelo Brasília, que são duas equipes aqui do Estado. Então, só quero trazer também mais essa informação.

Com relação a algumas colocações do Deputado João Derly a respeito de valores cobrados, hoje nós cobramos dos clubes o valor de 15% da receita bruta para a realização de jogo de futebol. Então, de todo jogo o Estado arrecada 15% da receita bruta. Quando há uma negociação para fechar um pacote acima de 3 jogos, esse valor cai para 13% e, dependendo de algumas negociações providenciais, pode ser negociado a 10% da receita bruta. Isso está muito relacionado à negociação e ao que aquele jogo ou evento pode representar para a cidade. Além disso, nós temos o valor de 6 reais e 29 centavos o metro quadrado para eventos com piso de acabamento fino, em algumas áreas dentro do estádio que têm um acabamento mais nobre. Para outras áreas que têm um acabamento mais rústico, nós temos a cobrança de 3 reais e 39 centavos por metro quadrado. Entre elas, temos uma área para cerca de 15 mil pessoas chamada arena VIP, que está dentro do estádio. Então, esses são os valores de cobrança pela utilização do estádio.



O senhor perguntou sobre como é realizado o procedimento para iniciativas desvinculadas do esporte e do futebol. Bom, é realizado um procedimento normal. O produtor do evento ou do show solicita uma reserva de data, é feita uma cobrança com esses valores que foram colocados, e o evento é executado. Nós não somos promotores do evento, apenas alugamos o equipamento para que os promotores realizem os eventos.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Todas essas arenas foram feitas para ter uma evacuação rápida, em aproximadamente 5 a 8 minutos, se eu não me engano. Acho que é isso, não é?

Eu fiquei sabendo de um *show*, até aqui em Brasília, em que a maioria das entradas e saídas estavam bloqueadas. Com isso, geraram-se filas e mais filas para a entrada e também, depois, na saída.

Fica a dúvida a respeito de quem cuida dessa parte.

O SR. JAIME RECENA - O senhor sabe qual foi o *show*?

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Não me recordo disso agora.

O SR. JAIME RECENA - Eu não me lembro de nenhum caso ocorrido este ano, na minha gestão.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Eu posso verificar e, depois, passar isso para você.

O SR. JAIME RECENA - Se houver interesse, nós podemos verificar se há algum caso. Em todos os eventos que aconteceram este ano no estádio, porém, não tivemos nenhum problema de acesso, nenhuma situação de dificuldade de entrada na arena ou de saída dela, até porque ela foi muito bem projetada nesse sentido. Eu precisaria ter uma ideia melhor de qual foi esse evento para que nós possamos até buscar informações para saber se foi este ano ou foi na gestão anterior, enfim.

O gasto de manutenção já foi colocado: cerca de 800 mil reais. Se o valor...

Bom, com relação ao custo de cobrança dos ingressos, que foi outra coisa que o senhor também levantou, infelizmente, não temos ingerência sobre esses preços. Os preços são colocados, muitas vezes, pelos clubes, os mandantes que determinam, ou os produtores dos eventos, no caso quando eles compram um evento e pagam o cachê do artista, pagam o cachê do clube. São esses produtores que determinam o valor que é cobrado.



Então, não temos ingerência sobre isso. Agora, eu acho que vale a reflexão, como foi dito aqui, até pela própria ABRARENAS, tudo que puder ser feito no sentido de termos mais pessoas frequentando esses espaços, essas arenas no País, eu acho que é melhor, até para diminuirmos essa sensação de elefante branco. Precisamos dar funcionalidade a essas arenas.

Possibilidade de utilização dos clubes locais. O senhor também questionou isso. Aqui em Brasília, temos uma boa relação com a federação local de futebol. O evento final aconteceu dentro do estádio, e nós, enfim, temos discutido com eles também alguns caminhos para que os próprios clubes locais utilizem mais a Arena Mané Garrincha.

Gasto de manutenção, eu acho que respondi a todas as perguntas.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Sr. Presidente, eu queria só de adicionar uma pergunta, até porque recebi uma informação agora, que eu acho que é importante.

O senhor disse que está economizando 14 milhões com a transferência de Secretarias de Estado para o Mané Garrincha. Eu não sei se o senhor poderia confirmar uma informação que recebi. No final do ano passado, foi entregue um centro administrativo, construído na gestão anterior, através de uma PPP, e o Governo do DF vai pagar — como é PPP — 14 milhões de reais durante 21 anos.

O senhor disse que é provisória. Então, essa economia se dá porque o centro não está pronto? Porque, se ele estivesse pronto, não haveria essa economia. Só para o senhor explicar um pouco.

O SR. JAIME RECENA - Vou explicar para ficar claro. São duas coisas distintas: a economia que está se promovendo agora é porque essas três Secretarias hoje estão ocupando prédios em que pagam aluguel. Então, essa economia é esse custo que eles vão deixar de pagar nesses prédios, que não são próprios do Governo.

Essa PPP do centro administrativo, a informação não está totalmente correta, porque eles ainda não entregaram a obra para o Governo de Brasília. Então, nenhuma Secretaria foi ainda para o centro administrativo.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Elas irão quando? Mas o Governo não entregou em dezembro do ano passado essa obra?



O SR. JAIME RECENA - Essa foi uma alegação do Governo, da gestão anterior, mas ela, de fato, não foi entregue ainda. Nenhuma Secretaria nem órgão do Governo foram ainda para o centro administrativo. A nossa expectativa é a de que essa mudança ocorra o quanto antes.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - E, nesse caso, esses 14 milhões não serão economizados?

O SR. JAIME RECENA - Serão economizados hoje na prática.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Não, tão logo se transfiram de volta. É isso que estou perguntando.

O SR. JAIME RECENA - De volta, não, porque elas não vão voltar para o centro administrativo. Essas Secretarias estão hoje em prédios alugados. Elas pagam aluguel.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Eu entendi. Estou dizendo que, quando o centro administrativo estiver pronto, elas sairão do Estádio Mané Garrincha e irão para o centro administrativo.

O SR. JAIME RECENA - Elas sairão do Estádio Mané Garrincha e irão para o centro administrativo. A nossa expectativa é a de que, não só essas três Secretarias, mas outros órgãos da estrutura do Governo devam ir para lá, o que irá gerar também uma economia, porque há outras Secretarias, outros órgãos que estão na mesma situação, pagando aluguel. O GDF gasta um valor muito alto de aluguel por ano. Se não me engano, é pouco mais que 50 milhões por ano que o Governo do Distrito Federal gasta em aluguel.

É importante ressaltar também — foi uma preocupação do senhor — se esses eventos serão suficientes para pagar as possíveis dívidas — acho que alguém falou sobre isso — com o BNDES para construção dessas arenas. Acho que foi o Deputado Afonso Hamm.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Acho que não fui eu.

O SR. JAIME RECENA - Então, é importante registrar que o Estádio Mané Garrincha não tem dívidas. A Arena Mané Garrincha foi construída com recursos do próprio Governo de Brasília.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Dinheiro do orçamento.



O SR. JAIME RECENA - Portanto, nós não temos nenhuma pendência financeira com nenhum tipo de empréstimo para a construção. O Estádio está na garantia, tem garantia de 5 anos, e o que a gente precisa hoje é a funcionalidade, para ter arrecadação, e não ficar com essa sensação de elefante branco que hoje permeia, principalmente, os noticiários.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Obrigado.

O SR. JAIME RECENA - Nada. Obrigado mais uma vez pela oportunidade de a gente poder esclarecer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Obrigado, Secretário Jaime Recena.

Passo a palavra ao Sr. Rogério Hamam.

O SR. ROGÉRIO HAMAM - Primeiramente, quero saudar aqui o amigo e Presidente da Comissão do Esporte, Márcio Marinho, que tem conduzido tão bem esta Comissão, esta importante Comissão aqui da Câmara, o nosso bicampeão mundial, João Derly, e o meu amigo colega de governo Silvio Torres, que fez um trabalho brilhante no Estado de São Paulo, e que foi reconhecido com um mandato de Deputado Federal.

Quero complementar um pouco que além do legado traduzido em número e que foi aqui exposto, com dados publicados, há também que ser mensurado o legado intangível da Copa, o legado que se traduz no direito à cidadania, que foi potencializado, no desenvolvimento de novas habilidades e capacitações dos indivíduos, da comunidade, que, naturalmente, provocam também novas oportunidades de inclusão social.

Quero dizer um pouquinho que a ocupação das arenas passa, como já foi destacado pelo amigo Eduardo Martins, pela valorização do espetáculo, pela sensação de segurança e conforto do torcedor, e que o Ministério do Esporte, através da Secretaria de Futebol, tem incrementado ações nesse sentido. Estamos em fase de desenvolvimento de uma parceria com o Ministério da Justiça para equipar secretarias de segurança pública no sentido de que eles tenham os equipamentos necessários para ações de prevenção da violência. Temos desenvolvido também alguns programas que estão em fase de estudo, dando conceitos de cidadania e desenvolvendo o torcedor hoje vinculado à torcida



organizada, já que uma parte da torcida organizada tem essa tendência à violência, mas não a totalidade da torcida organizada. Então, são ações vinculadas à cidadania, ações sociais, para que a gente possa trazer também a formação de indivíduos e de pessoas dentro das torcidas organizadas.

E são ações de prevenção como essa também, na valorização dos equipamentos. O Ministério dos Esportes está justamente auditando 150 estádios, verificando os laudos técnicos, para que eles possam oferecer condições similares de conforto e segurança como hoje são oferecidos pelas arenas. E são ações como essas que valorizam o espetáculo, que podem proporcionar jogos mais vistosos e que atraiam mais torcedores.

Essa é a pauta do Ministério dos Esportes, buscando a modernização do futebol, a modernização da gestão, também, trazendo transparência na gestão dos clubes, e mais responsabilidade fiscal. Então, não existe uma única fórmula, não existe uma única pílula que vá modernizar o futebol do dia para a noite, mas existe uma série de ações pontuais, cada uma na sua esfera, que vão contribuir como um todo, como um conjunto, para a valorização do espetáculo, e, por consequência, trazer também maior ocupação nas arenas e trazer de volta o torcedor ao mundo do futebol.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Obrigado, Sr. Rogério.

Passo a palavra agora ao Sr. Eduardo Martins.

O SR. EDUARDO MARTINS - Deputado Márcio Marinho, Presidente da Comissão, boa tarde. Deputado João Derly, Deputado Silvio Torres, Deputado Valadares Filho, eu acho que o grupo que está aqui hoje tem um desafio muito grande para que essas arenas de fato se tornem o grande legado pós-Copa. As arenas estão aí. Eu acho que o Secretário já colocou muito bem, temos um desafio de não transformar essas arenas em elefante branco. O desafio está aí, não adianta.

Se nós criarmos uma agenda negativa de que está tudo ruim, não vamos conseguir na verdade melhorar o que já existe.

Então, o que a ABRARENAS propõe, a ABRARENAS não tem hoje a delegação e a responsabilidade de interferir em cada arena, mas sim em juntar todas, e tentar buscar o que é que podemos fazer juntos para que o espetáculo melhore. Eu acho que esse é o foco da nossa associação. Isso tem que estar muito



claro para todos nós, para que tenhamos a responsabilidade e a frieza para que a coisa consiga andar.

O Deputado Marinho colocou muito bem, semana passada, uma das nossas associadas tinha um show marcado, e o juiz entendeu que esse show deveria ser cancelado. Se nós estamos buscando transformar essas arenas em espaço multiuso, o próprio poder público, na verdade, interfere para que não aconteça, é quase um dissenso um processo desses. Respeito a posição do juiz, ele tem seus motivos. Mas o conceito original, lá atrás, é que de fato ela viesse a acontecer.

O que nós na verdade temos buscado e incentivado aos nossos membros e nossos associados... De segunda de manhã até quarta meio dia, a arena está vazia. Se nós convidarmos o Sistema S, o Secretário tem nos dado grande apoio, para que outras empresas possam vir ocupar esse espaço para educar a população, isso é uma maneira de você fazer com que a arena tenha uma utilidade pública. Nós estamos buscando isso. Precisamos do apoio do Governo nesse sentido.

O que ela paga hoje de aluguel, e eu acho que a posição do Jaime está muito bem colocada, se tem um espaço disponível, por que ele vai alugar uma sala, se a arena tem um espaço em que uma Secretaria pode ser ocupada? Essa é a função. Nós não temos varinha mágica. Hoje a questão das arenas... Então, eu volto à apresentação: o principal conteúdo de uma arena são os clubes. E, aí, vem o questionamento: e como é que fica Manaus, Cuiabá e Brasília, que não têm clubes fortes? Mas se as arenas que hoje tem pouco uso, quando houver um show em outra arena, ele tem que vir para cá também, porque tem torcedor para cá que ocupa, e deve vir, para na verdade difundir o futebol nacional, senão fica no eixo Rio-São Paulo e Minas-Sul. E o resto do País?

Então, as arenas que hoje são questionadas, na verdade, têm que levar eventos para o povo assistir lá também; faz parte do espetáculo. Todos os jogos que aconteceram em Manaus, em Cuiabá, em Brasília, é casa cheia. Agora, infelizmente, se nós não ajudarmos os clubes locais a crescer, não vão crescer nunca, e vai ficar restrito ao campeonato espanhol. Hoje, o torcedor brasileiro está torcendo muito mais para o clube espanhol que o clube nacional. Vou procurar ser mais breve.



Hoje, a criança prefere assistir ao jogo do campeonato espanhol do que o campeonato brasileiro. O que se tem feito e qual é a nossa responsabilidade? Como podemos influenciar para que a gente consiga reverter esse quadro? Aí, eu volto ao ponto, estádios sem clubes, os clubes enfraquecidos, o futebol vai acabar. O Governo hoje encaminhou uma Medida Provisória que está sendo amplamente debatida, inclusive alguns Deputados que fazem parte da Comissão estão em outra Comissão debatendo sobre isso. O que é que nós queremos, na verdade? Refinanciar a dívida, que é um tema que vem sendo debatido, com contrapartida, sem contrapartida. Não existe ainda, depois de ela ser publicada, a adesão de nenhum clube.

E, aí, vale um questionamento, uma reflexão muito fria: a Medida Provisória que foi proposta, é isso que está atendendo aos clubes brasileiros? Muitas vezes o Governo tem uma visão, e, na verdade, a realidade do clube é outra. Então, eu acho que deve ser questionado, temos de repensar com muita frieza: precisamos buscar a melhoria do futebol. Esse é o ponto zero, zero, zero, do nosso Projeto. Se abre arena, e não conseguir, e tem feito, e conta com o apoio de Deputados, em apoiar que o clube tenha a sua dívida refinanciada, o nosso futebol quebrou. A arena sem futebol vai quebrar. Nós precisamos ter arenas hoje que funcionem.

Se o time de Brasília hoje não consegue trazer muita gente, vamos trazer clubes de fora. Todos os jogos de fora aqui foram de arena cheia, porque é um evento para a cidade. E, talvez, por isso tenha sido transferido para a Secretaria de Turismo por conta disso. É uma realidade local. Talvez, Manaus tenha outra realidade. Nós não conhecemos. Talvez, Cuiabá tenha outra. O Rio tem uma particularidade, a Federação do Rio interferiu bruscamente no campeonato carioca. E isso faz parte do jogo. A nossa realidade é essa. Nós não podemos fugir da realidade. Hoje, existe isso.

Se nós viermos aqui com o discurso que está tudo ruim, acho que nós estamos perdendo o valioso tempo dos Senhores. Na verdade, nós temos que buscar soluções para corrigir isso aqui. Eu acho que por isso que a BRANES está aqui à disposição dos Senhores.

Então, só para responder algumas perguntas aqui, o Deputado Afonso Hamm, eu vi aqui na sequência, perguntou o custo por evento. Um evento no



estádio Independência, que é um estádio menor, é menor que o custo de um evento no estádio Maracanã ou no estádio de Brasília. Isso é conta que qualquer um consegue avaliar. Um estádio onde você tem mais escada rolante, elevadores, um acesso maior, é muito mais caro. O Maracanã é uma grande gleba no meio da cidade. A segurança no entorno de um estádio desses é muito maior do que em um estádio menor. Então, comparar custo de estádio por estádio é uma conta que não fecha, é comparar laranja com banana, falando no linguajar popular. Então, esse é um ponto que a gente deve levantar. Ele não está aqui, mas de qualquer forma respondo aos Senhores: o custo operacional, em função disso, varia em cada estádio. A arquitetura do estádio encarece ou abaixa o custo. O estádio de Cuiabá tem uma arquitetura que, teoricamente, quando ele for entregue, já que não foi — não é isso, Secretário? — vai ter um custo operacional menor, porque é um estádio menor.

Respondendo aqui a pergunta do nosso grande judoca que acabou de sair, sobre atividades vinculantes. Aí, eu dei o exemplo do Sistema S. Se nós não conseguirmos influenciar e mostrar para o Governo, e aí eu peço para o nosso Secretário retransmitir isso e ajudar a reavaliar isso, pegar as arenas hoje e trazer o estudante para dentro da arena, para ensinar bons modos. O Brasil está precisando hoje de cultura. É ensinar o estudante, num dia de evento que vai ser um jogo de baixo público, a dar bom dia, boa tarde, boa noite, obrigado, por favor e com licença. Parece brincadeira, mas está faltando isso no Brasil.

Por que as arenas não utilizam esse espaço para formar esse novo cidadão? A arena não é só futebol. O futebol faz parte de um conjunto de atividades sociais em que ele é o patrimônio nacional, é a referência. Os clubes hoje não têm um líder, um grande ídolo — líder, não. O que é um grande ídolo, hoje, lembrando aí Zico, Sócrates, terminando por aqui para não esquecer vários? Não há, hoje. Hoje, não há. O clube precisa se fortalecer.

Aí, volta, vamos falar o seguinte: como eu consigo trazer público para o estádio se a operação do estádio não permite que eu tenha um bom restaurante lá dentro? Eu não consigo. Nós não conseguimos, hoje, criar uma operação de uma churrascaria, de um restaurante, que não tenha cerveja, no estádio. Isso é um ponto. Nós temos que levar esse debate para a frente. *“Ah, você quer vender cerveja.”*



Não, eu não quero vender cerveja. Eu quero evitar que a confusão do lado de fora aconteça antes do jogo. Eu tenho que trazer esse torcedor para dentro.

Lá fora, você vai ajudar o trânsito. Você vai ter menos polícia no entorno. E o torcedor, chegando mais cedo, vai conhecer o seu estádio, vai comprar a camisa do seu time, vai se filiar ao sócio torcedor. Esse é que é o debate que nós temos que trazer. Aí, é a agenda positivo. Nós temos que na verdade buscar que soluções nós podemos fazer. Estamos dando algumas aqui, são tão simples. Mas talvez a simplicidade seja o grande desafio nosso.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Mas, Martins, no fundo é só o futebol que pode salvar essas arenas. Os exemplos de outros estádios, da Europa, enfim, daqueles que são administrados corretamente, dentro de um padrão certo... O futebol é... E para recuperar o futebol brasileiro, até o futebol brasileiro ser recuperado, essas arenas já vão se transformar em ruínas se não houver dinheiro.

O SR. EDUARDO MARTINS - Eu vou pegar o gancho aqui do Deputado. Ele deu exemplo da Amsterdã Arena, do Ajax. Tive a oportunidade de visitar alguns estádios, e um deles foi o do Ajax. O jogo começa às 4 da tarde, as pessoas chegam 11 horas, meio dia. Com isso, você está fomentando emprego, você começa a promover uma série de eventos de entretenimento para o torcedor que chegou antes, você tem bons restaurantes, você passa o dia no estádio, a experiência que você tem no estádio é uma coisa maravilhosa — dá gosto de você voltar. E, aí, o amigo que vai viajar, não deixa de ir ao estádio.

O SR. JAIME RECENA - Até para acrescentar um dado relacionado, porque você está falando da Amsterdã Arena, do Ajax, e de toda essa parte de serviço. Para se ter uma ideia, Deputado, o faturamento em um dia de jogo do Ajax da parte de *catering* é da ordem de 3 milhões de euros, só a parte de bebida e comida que é comercializada num dia de jogo. Isso é para mostrar que a gente pode, sim, e esse debate deve ser feito num ambiente de muita tranquilidade, de voltar a ter comercialização de bebidas dentro das arenas, para que você possa justamente ter um ambiente ali de mais possibilidades de arrecadação.

Agora, você tem que estar preocupado, sim, com a segurança, com aquela pessoa que se excede, e ela, enfim, ser banida, como já foi citado, anteriormente, pelo Eduardo. A impunidade e a sensação de impunidade muitas vezes atrapalha, e



a gente acaba indo por um caminho que prejudica muito mais do que contribui. Nesse caso específico, você hoje tem uma dificuldade muito grande de operar a parte de catering das arenas por conta dessa proibição. E se a gente tivesse essa liberdade, olha o quanto nós estamos perdendo de receita. É simples, bota 30 mil pessoas e bota um faturamento médio de 40 a 50 reais por pessoa, e vê qual é a arrecadação que isso vai representar. Só isso já pagaria os custos das arenas.

O SR. EDUARDO MARTINS - Mas nesse ponto a gente está com muito cuidado em liberação da bebida. Esse é um tema muito sensível. Nós perdemos hoje essa referência. Quer dizer, há alguns anos nós não temos mais bebida no estádio. A Copa do Mundo e a Copa das Confederações foram bons exemplos. Mas em alguns setores, dizem que todos os dados foram mascarados para dizer que não houve incidente. Quem teve oportunidade de participar dos jogos da Copa ou da Copa das Confederações não percebeu isso.

O que é que acontece hoje com o torcedor — a realidade é nacional? O torcedor chega à entrada do estádio, em vez de tomar 2 cervejas, ele vai tomar 4, porque lá dentro não tem, para ele poder manter a loucura dele por mais tempo. Essa é a realidade. Não adianta a gente fugir disso. De uma forma muito simples. Funciona assim. Você não sabe qual a origem da bebida, o que é que ele está tomando. Só que quando ele passou da catraca, o responsável pela arena, e, aí, a ABRARENAS fica preocupada com a questão operacional.

Se alguém tem uma overdose dentro do estádio, que é o responsável? É o gestor da arena? É o clube mandante? É a organizadora? É a Federação? No final, vai sobrar para quem? Para a arena. Alguém tem dúvida disso? Nós precisamos regularizar isso, mas de forma muito clara e transparente. Se nós não podemos vender durante todo o espetáculo, porque eu acho que num primeiro momento não é esse. Antes do jogo e no intervalo, você vende, depois, suspende. Credencia, e o que não consumiu vem no próximo jogo.

de forma muito simples, como funciona na nossa casa. Se o torcedor, hoje, não consegue ir aos estádios... Se os clubes criarem promoções: “*O torcedor que for a 4 jogos terá o 5º jogo de graça*”, ele não vai querer perder; e “*no 5º, ou no 6º, se ele for, vai ganhar uma camisa*”. Olha que mercado nós temos para ser explorado, e que nós não estamos explorando.



E eu acho que a arena nesse momento tem uma oportunidade de trazer esse debate a todos, isenta, porque, na verdade, fornecemos o espaço para que haja o espetáculo. Se a gente não tiver isso muito claro, e, aí, mais uma vez eu peço: Srs. Deputados, ajudem-nos a botar isso de pé. O futebol brasileiro, pela Lei Pelé, é um patrimônio cultural. Hoje, o nosso torcedor está torcendo para a Espanha.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Só para informar, ainda não é um patrimônio cultural. Há um Projeto de Lei de minha autoria que já está há 6 anos aqui tentando ser aprovado, e não consegue.

O SR. EDUARDO MARTINS - É porque eu estou forçando para que ele já seja. Eu estou torcendo para isso.

Quer dizer, esse é o debate que tem que ser feito de forma muito clara. Então, eu peço a todos e à própria imprensa. Hoje, a imprensa a todo o momento tem criticado o campeonato. Você não vê uma solução, uma sinalização. O que é bom não está sendo divulgado. Nós temos espaços a serem explorados que não estão sendo divulgados pela imprensa. Por isso, a minha intenção foi inverter a pauta, com todo o respeito. O tema era subutilização. Vamos debater como fazer que as arenas sejam bem utilizadas. Esse é o nosso debate.

De uma forma muito fria, muito clara, um mais um não pode transformar-se em três, cinco. Tem que se transformar em dois, e o clube tem que entender isso. Em uma negociação, se todos não abrirem parte do todo para conseguirmos fazer o bolo crescer, todos nós vamos perder. Era isso que eu queria dizer. Eu acho que com essa minha explanação eu quase respondo a todos. Se faltou algum questionamento, por favor.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Eu perguntei sobre o aluguel dos consórcios.

O SR. EDUARDO MARTINS - Cada clube tem um contrato específico com cada arena. Então, não existe fórmula mágica. Minas Arena, por exemplo, tem um contrato restrito de área do estádio para ser explorada. O nosso Inter tem uma área restrita a ser explorada no resto do clube. Então, não existe uma fórmula mágica. Precisamos fazer com que o regulamento da própria CBF determine padrões de utilização do estádio.



Nós precisamos entender qual é a responsabilidade de cada ator nesse processo. Todos os atores querem que o espetáculo dê certo. Qual é a melhor forma para isso? Vamos criar o debate, trazer isso para a pauta. Eu acho que o fórum faz parte disso aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Valadares Filho) - Obrigado, Sr. Eduardo Martins.

Antes de finalizar os trabalhos, eu quero agradecer a presença de todos pela bela explanação e pelo debate que travamos aqui sobre esse importante tema.

Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos convocando os Srs. Parlamentares para a reunião de audiência pública, destinada a subsidiar o Relator do Projeto de Lei nº 8.038, de 2014, que dispõe sobre escolas de formação de atletas destinadas a crianças e adolescentes, e do Projeto de Lei nº 8.277, de 2014, apensado, a ser realizado amanhã, dia 14 de maio, às 9h30m, no plenário 4.

Está encerrada a audiência pública. Muito obrigado a todos.